





# REAL THAW 09

## A FORÇA AÉREA PORTUGUESA ORGANIZA EXERCÍCIO MULTINACIONAL

Texto: Major PILAV Carlos Lourenço Fotos: SAJ Rui Bruno

### O PONTO DE PARTIDA

A Base Aérea nº 5 (BA5), Monte Real, recebeu no início de 2008 dois destacamentos de Forças Aéreas Aliadas, dinamarquesa e holandesa. Esta presença aconteceu depois de se estabelecerem contactos entre a Esquadra 301 e as esquadras envolvidas, em que foi, entre outros, “publicitado” o nosso espaço aéreo, as condições atmosféricas e a capacidade para planejar um exercício com um cenário complexo, permitindo exercitar a interoperabilidade das forças em operações combinadas. Com um intervalo de tempo de apenas quinze dias, ambos os destacamentos referidos consideraram aquele evento de elevado valor operacional, tendo sido realizadas a maioria das missões pré-planeadas, sem um único cancelamento devido a meteorologia adversa.

A prova do êxito alcançado nestas iniciativas foi evidenciada nas cartas de referência dos países envolvidos, elogiando o planeamento das operações e a sua condução. Germinava desta forma o embrião do que se viria a chamar exercício “Real Thaw”.

### A GÉNESE DO “REAL THAW”

A criação do exercício “Real Thaw 09” decorreu, inicialmente, da necessidade de organizar um bloco de treino de missões tácticas a executar durante o destacamento dinamarquês (12xF-16M) previsto para a BA5 no início deste ano. No entanto, era ainda desígnio da Força Aérea Portuguesa criar em Portugal um exercício táctico, de tal forma cativante, que pudessem ser apelativo à participação das Forças Aéreas Aliadas. Esta ambição justifica-se para dar resposta a duas necessidades: por um lado, cumprir os objectivos de treino operacional das esquadras portuguesas (participação em exercícios de elevado valor táctico, complexos e com muitos meios envolvidos) e por outro, criar con-

dições para a Força Aérea obter benefícios pelo facto de estar a receber e a providenciar treino a outras Forças Aliadas.

De forma a tornar o exercício eficaz, o planeamento apostou em várias vertentes: englobar no treino um variado espectro de missões com elevado grau de dificuldade; prover as missões de um bom sistema de *briefing* e *debriefing* a fim de enfatizar lições aprendidas; providenciar espaço aéreo capaz de otimizar o normal desenrolar das operações e acautelar ainda cenários realistas (de preferência tipo Afe-ganistão).

O objectivo que se pretende obter com o último ponto é implementar em Portugal um exercício onde a componente de Apoio Aéreo às forças amigas no terreno (*Close Air Support-CAS*) seja preponderante. Este é, no espectro de missões reais actuais, o tipo de cenário mais usual e aquele que todas as Forças Aéreas procuram para formar e qualificar os seus pilotos. Os cenários de CAS planeados têm de ser dinâmicos, com a possibilidade de treinar missões de escolta a colunas de viaturas terrestres, de ajuda humanitária, ou de aviões de transporte e helicópteros; de apoio aéreo a forças terrestres em ambiente urbano, de apoio aéreo de emergência às forças amigas debaixo de fogo inimigo, de suporte a evacuações de forças não militares (refugiados, ONGs, civis, etc), de suporte a operações especiais, de lançamento de carga aérea e de pára-quedistas e de assalto e protecção de aeródromos.

O apoio aéreo a este tipo de missões é maximizado com a utilização dos “Targeting Pod”. Estes equipamentos foram recentemente adquiridos pela Força Aérea para os F-16MLU, o que obriga os pilotos a um treino mais intensivo para conseguirem manter as suas qualificações. Com esta capacidade adquirida, é possível monitorizar os movimentos no campo de batalha



### "TARGETING POD"

A Força Aérea Portuguesa adquiriu o **Advanced Targeting POD-Litening AT**, da Northrop Grumman Corporation, operando com este equipamento desde o mês de Outubro de 2008.

Obedecendo a um moroso e criterioso processo de escolha e selecção do *Targeting POD* (TGP) para equipar as aeronaves F-16MLU, a Força Aérea optou por este equipamento de última geração que equipa um grande número de Forças Aéreas e vários sistemas de armas (AV-8B, A-10, B-52, F-15E, F-16 e F/A-18). Na actualidade, o TGP é essencial para qualquer aeronave que possa vir a operar nos cenários de conflito actuais (ex. Afeganistão).

O *Targeting POD* possibilita a aquisição, seguimento e designação laser de alvos fixos ou móveis, a distâncias e altitudes consideráveis e o guiamento de armamento de precisão (com guiamento laser). Permite também identificar e marcar alvos para a utilização de armamento com guiamento inercial e/ou GPS. Para além de minimizar os possíveis efeitos colaterais, aumenta significativamente a eficácia da operação, utilizando menos recursos para atingir o mesmo número de alvos – uma bomba, um alvo – em vez da largada massiva de armamento, como acontecia no passado, com todos os efeitos colaterais adversos e custos associados.

Além de estar equipado com sensores CCD (TV) e Infravermelhos (FLIR), que permitem a operação tanto de dia como de noite (FLIR), este TGP possui ainda um iluminador (*pointer*) infravermelho que permite adquirir mais facilmente um alvo, à noite, com recurso a *Night Vision Goggles* (NVGs), e partilhar este alvo com forças amigas terrestres ou aéreas, equipadas com estes equipamentos de visão nocturna.

Outra característica peculiar é a possibilidade de transmissão via *datalink*, da imagem e dos dados adquiridos no TGP para uma outra estação amiga terrestre, permitindo fornecer a essas forças uma visualização espacial do que os rodeia ou da área do alvo. Esta capacidade permite, entre outras, diminuir significativamente o tempo de aquisição dos alvos com guiamento terrestre (através de um *Forward Air Controller* – FAC). O TGP admite, ainda, efectuar algum reconhecimento e identificação "visual" de alvos terrestres, de superfície ou aéreos, a distâncias táticas que aumentam substancialmente a capacidade de sobrevivência em cenários dinâmicos ou não convencionais.

A Força Aérea Portuguesa equipada com este dispositivo, absolutamente essencial face às restantes capacidades instaladas no F-16MLU e à importância crescente do armamento de precisão, está pronta para enfrentar qualquer desafio proposto pela NATO ou de âmbito nacional, podendo igualar, em capacidade e qualidade, qualquer outro parceiro das *European Participating Air Forces* (EPAF – Holanda, Noruega, Dinamarca, Bélgica e Portugal) e restantes Forças Aéreas Europeias de "linha da frente".



F-18, Força Aérea Espanhola

e, em caso de necessidade, ter a bordo a capacidade de largar armamento de precisão (com guiamento laser), diminuindo desta forma os danos colaterais. O equipamento permite ainda transmitir as imagens captadas (vários formatos: infra-vermelhos, TV; vários zoom: digitais e analógicos) para um computador portátil, designado *Rover 4*, e assim proporcionar ao Comando das Operações no terreno uma informação mais detalhada sobre os movimentos do inimigo.

Um exercício como o "Real Thaw", com cenários maioritariamente de apoio às forças de superfície – CAS, pode ser encontrado nos Estados Unidos no "Green Flag", exercício no qual é apresentado um cenário terrestre móvel com um efectivo de 2600 homens. No entanto, torna-se muito dispendioso às nações europeias deslocar os seus aviões e todo o apoio para operação naquele país.

Perspectivando-se um exercício semelhante em Portugal, a ambição não é atingir a mesma dimensão, mas, com o esforço coordenado das entidades envolvidas, organizar algo à nossa dimensão e garantir com regularidade a disponibilidade desse treino.

### O "REAL THAW"

Sendo a condução do exercício da responsabilidade do Comando Operacional





da Força Aérea, o “Real Thaw 09” foi planeado e executado na Esquadra 301 da Base Aérea nº 5, Monte Real. O exercício desenvolveu-se genericamente num cenário de “Crisis Response Operation” (CRO) patrocinado pela ONU, criando-se para o efeito três países fictícios: o primeiro, um país democrático e Pró-Occidental (país Azul); o segundo, um país anti-democrático e agressor (país Vermelho); e entre estes dois um terceiro país (país Castanho), alvo de agressões por parte do país Vermelho. Este último era caracterizado por ter uma situação permissiva, onde a liderança política é favorável à entrada de Forças Aliadas, mas a maioria da população é contra. No país actuam, inclusivamente, pequenos grupos de resistência com ligações ao país Vermelho e com capacidade bélica suficiente para provocar perdas às Forças Aliadas. Neste cenário tipo, apesar de imaginário, facilmente se encontrarão semelhanças com situações reais, actuais, em alguns pontos do globo.

Para o desenrolar do exercício foram estabelecidos como pressupostos que as Forças Aliadas seriam destacadas para o país Azul e que, neste país, eram constituídas três “Bases Mãe” para albergar as forças aliadas terrestres. Numa delas seriam operados aviões de transporte táctico e estaria disponível um pequeno contingente de helicópteros ligeiros. Face à situação per-

missiva do país Castanho, todos os movimentos terrestres das forças aliadas seriam preferencialmente apoiados por meios aéreos. Durante a execução de missões de elevada importância para a condução da campanha (ajuda humanitária, extracção de refugiados ou pessoal não militar, operações de resgate, etc.), as forças aliadas deviam manter superioridade aérea na área de operação podendo, se estritamente necessário, abater alvos aéreos ou terrestres na eminência de provocar danos ou baixas às forças amigas.

Na observância destas linhas condutoras, seria possível dar corpo ao principal objectivo do exercício: exercitar e treinar a integração e interoperabilidade das forças em operações combinadas.

O principal desafio colocado às esquadras participantes, mais do que desconflitar operações, era conseguirem integrar capacidades no planeamento das missões.

O planeamento do “Real Thaw” começou a ser executado com alguma antecedência, tendo sido constituída para esse fim uma célula de planeamento (*White Cell*). A esta célula cabia planear e coordenar antecipadamente a lista de eventos que constituía cada uma das missões. Para cada dia do exercício foi construída uma fita de tempo, sendo nela registados todos os previsíveis eventos. Estes eventos foram

coordenados ao pormenor, pois cada um deles era indutor do próximo. Se já é difícil coordenar uma série de movimentos aéreos ou terrestres, a complexidade da coordenação aumenta quando estes têm de interagir e são dependentes uns dos outros. Mas, se à coordenação dos movimentos das forças amigas juntarmos os movimentos das forças opositoras, então a coordenação de todos eles terá de ser obrigatoriamente muito detalhada e minuciosa. Esta era, também, uma das novidades do exercício. Se é relativamente vulgar que as forças opositoras constituídas por meios aéreos marquem presença nos exercícios, no que diz respeito à presença de forças opositoras terrestres, com capacidade para interagir com o desenrolar da missão, muito raramente tal acontece. Se por um lado, as forças opositoras terrestres foram constituídas para proporcionar treino realista às forças aliadas, por outro uma entrada desajustada em cena poderia comprometer o normal desenrolar da missão.

## CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES

“Real Thaw 09” decorreu durante quatro semanas (19JAN09 a 12FEV09), na BA5. O exercício contou com 25 aeronaves de vários tipos (F-16, A1et, ALIII, C-212 “Aviocar”) e 400 militares da Força Aérea Portuguesa. Ainda no plano nacional participaram quatro dezenas de militares do



F-16, Força Aérea Portuguesa



Exército Português, nas vertentes de Operações Especiais e Pára-quedistas, assim como vários meios navais e Fuzileiros integrados num exercício de instrução da Marinha Portuguesa. No plano internacional, o exercício registou a presença de Controladores Aéreos Tácticos (TACP) dos Estados Unidos, quatro F-16M da Força Aérea Dinamarquesa, um avião-radar (E-3A) da NATO e quatro F-18 da Força Aérea Espanhola. A área da Covilhã e da Guarda, particularmente a região do aeródromo de Seia, foi o palco das actividades no terreno.

Na Esquadra 301, na Base Aérea nº 5, para além da *White Cell* responsável pelo planeamento e condução do exercício, foi constituída uma célula de Informações que tinha como missão ministrar os *briefings* dos cenários e assistir as esquadras participantes com *briefings* detalhados das várias ameaças existentes. Para além destes militares estiveram ainda: elementos de ligação do Centro de Reporte e Controlo (CRC) – (Batina) para ajudar nos *briefings* e *debriefing* das missões; elementos de ligação do TACP Português responsáveis pelas missões de Apoio Aéreo Próximo; elemento de ligação com a Unidade de Protecção da Força e elementos de ligação com o Exército para as Forças Especiais e Pára-quedistas.

No “Real Thaw” foram executados diariamente dois períodos de voo. No primeiro era planeada e voada uma missão de elevada envergadura (COMAO), com muitos e diversos meios envolvidos. O segundo era utilizado para executar missões menos complexas (blocos de treino de CAS) onde normalmente o elemento parrelha, dois aviões, era o mais habitual.

O ciclo de planeamento tinha 48 horas e a missão diária de maior complexidade era detalhadamente revista pela *White Cell* com dois dias de antecedência. O objectivo era detectar possíveis incoerências no plano ou até possíveis conflitos entre eventos. Depois de aprovado o plano, era produzida uma Ordem de Missão Aérea (*Air Tasking Order-ATO*) que era distribuída a todos os participantes, no dia anterior à missão. A ATO, além de definir o comandante da missão, determinava os objectivos globais a atingir e os objectivos específicos de cada esquadra. No fundo, ao comandante era apresentado um proble-



Pára-quedistas dirigem-se para o C-212 “Aviocar”



F-16M, Força Aérea Dinamarquesa



ALIII, à saída para uma missão

ma com objectivos tácticos bem definidos e pretendia-se que, de uma forma integrada e com os meios aéreos à sua disposição, elaborasse o melhor plano para o cumprimento da mesma.

Depois da ATO ser enviada, era a célula

de Informações que fazia o seu estudo de forma cuidadosa. O objectivo era apresentar ao comandante da missão um *briefing* detalhado com os factores de planeamento mais relevantes: objectivos globais e específicos; meios disponíveis; caracteri-



Algumas das aeronaves que participaram no exercício na placa de estacionamento da Base Aérea nº 5, Monte Real



Alpha Jet, Força Aérea Portuguesa

zação de alvos; níveis e caracterização das ameaças; e outros. Como o tempo reservado ao planeamento da missão no dia da sua execução era reduzido, o comandante executava logo nesse dia grande parte do planeamento, ficando para o dia seguinte as questões de natureza táctica.

A fita de tempo seguida no dia da missão iniciava-se com um pequeno *briefing* dado pela célula de Informações, 3h30 antes da decolagem em que era apresentado o cenário do dia com os objectivos pretendidos. De seguida, o comandante da missão exdpuinha a todas as entidades en-

volvidas a forma como tinha planeado e organizado o seu desenrolar. Entre o *briefing* inicial e o próximo, existia um período de 1h00 reservado a pequenas correcções e rectificações ao plano. O *briefing* geral acontecia 2h30 antes da decolagem e nele participavam obrigatoriamente todos os elementos envolvidos na missão, sendo minuciosamente apresentado o seu desenvolvimento, dando-se ênfase a possíveis conflitos que colocassem a segurança em causa. A saída para os aviões era feita 1h00 antes da decolagem, para evitar atrasos. A duração da missão era normalmente de 1h30. Depois da aterragem era dado algum tempo aos pilotos para recolher toda a informação do voo, de modo a estarem presentes no *debriefing* da missão 3h00 depois da decolagem.

Um dos factores que contribuiu significativamente para o sucesso do exercício foi o sistema de *debriefing* utilizado na Esquadra 301. Através do *software* do avião F-16 (PCDS), que grava a todo o instante a posição geográfica da aeronave, e usando complementarmente a imagem gravada do *Link-16*, foi possível organizar um *debriefing* fazendo uma reconstrução fidedigna do que realmente aconteceu em voo. Desta forma, e com o intuito de cor-

rigir erros, era viável no final fazer um balanço da missão, retirando lições e ensinamentos para o futuro.

## OS EXERCÍCIOS

Em jeito de conclusão podemos afirmar que a participação em exercícios, com elevado número de meios aéreos envolvidos em que o factor de planeamento de missão é preponderante, é fundamental para o crescimento qualitativo de qualquer esquadra de voo. E só há duas formas de participar, ou fazê-lo no exterior com o correspondente acréscimo de despesa, ou por outro lado conseguir realizá-los em Portugal de forma a trazer ao nosso país as Forças Aliadas.

Neste contexto, a qualidade do exercício a apresentar terá de ser elevada. Não é suficiente ter boas condições meteorológicas e um bom espaço aéreo. O exercício tem de conseguir ser adequado ao nível dos cenários actuais, de forma a garantir o treino.

Por parte da Esquadra 301 continuaremos a perseguir estes desígnios, porque estamos convictos que deles dependerá o nosso futuro.

Sonhar não é proibido, com o nosso esforço faremos grandes os nossos feitos.

**"Alcança quem não cansa..."** ✖